

CORREIO

DE GUIMARÃES



António Lino - PAG.4

O Vimaranesense que pintou a “Nossa Senhora” no local onde Jesus Cristo nasceu

Séc. XX - PAG.5

Será que Jackie Kennedy plagiou o bom gosto dos vimaranenses?

Século XVIII PAG.7

O perigo da existência de uma pandemia em Guimarães com a construção do Toural - 1789

Como se viviam as pandemias em Guimarães no Século XVIII e XIX

PAG.6



Séc. XIX - PAG.2

Os que morreram no Toural nas Guerras entre Liberais e Miguelistas



Quem eram os “Côcos” em Guimarães?



A cidade ignorava-os e alguns nutriam mesmo desprezo e nojo pelos Côcos, não só pela sua aparência pela roupa que envergavam que lhes deu o nome devido ao chapéu que lhes cobria o rosto mas principalmente por terem uma função que poucos invejavam; a de acompanhar os mortos de condição social mais pobre até à sua última morada...Esta função estava mais exposta a um risco de contaminação das pestilências, etc...

Eram cerca de catorze elementos ao todo, selecionados por concursos que nem sempre eram preenchidos...no entanto mesmo assim eram assalariados pelo trabalho que realizavam.

Eram vestidos durante o cortejo com túnicas pretas e com ar cerimonial. No entanto existiam muitas queixas de padres e religiosos fazendo referência às ausências dos Côcos nos funerais, tendo-se de adiar estes cerimoniais para o dia seguinte. Na cidade do porto chamavam-lhe os Farricocos.. Revezam-se uma vez por mês fazendo duas equipas de sete membros mas mesmo assim era difícil juntá-los a todos nos enterros

Os Côcos eram na sua generalidade mestrais e o ano mais remoto em que encontramos a sua existência é o ano de 1605. O serviço destes homens eram alargados a todas as igrejas dentro e fora da Vila, o que levava os mesmos a uma sobrecarga de trabalho muito grande.

Em 1742 encontramos provas do aumento que estes Homens tiveram no seu salário e simultaneamente também na contratação de mais Homens para as cerimónias fúnebres dos mais pobres.

Quando alguém morria, o campeiro percorria as ruas da Vila, tocando uma campainha, chamando os restantes Homens ao “ofício” do defunto e à reza.

A maior parte dos enterros vinha de falecimentos do Hospital da Misericórdia que também era na altura a responsável pela realização das covas e por todo o cerimonial dos mais carenciados.

No princípio do Séc. XIX, os Côcos começaram por ceder o lugar a outro grupo denominados de “Gatos Rogados”.

Mais tarde ambos os grupos se fundiriam no mesmo exercício, os Côcos e os gatos pingados.

No entanto ia havendo uma divisão de tarefas entre ambos os grupos, uns detinham a incumbência de acompanhar “de perto” os mortos e os outros de “empunhar os brandões de cera”

Os que morreram no Toural nas guerras entre Liberais e Miguelistas

A guerra civil portuguesa entre Liberais e Absolutistas que opunha D. Pedro IV a D. Miguel durou cerca de meia dúzia de anos de 1828-1834 e fez milhares de mortes pelo país.

Guimarães não foi excepção. Durante o ano de 1828, Guimarães foi palco de fortes movimentações militares, onde se concentraram regimentos e milícias vindos das mais afastadas regiões do país.

De noite eram as milícias que percorriam as ruas de Guimarães gritando vivas a D. Pedro IV, a D. Maria II e à Carta Constitucional. Durante o dia, eram as guerrilhas que no Largo do Toural soltavam vivas a D. Miguel, à Imperatriz-Rainha, à Casa de Bragança e à Igreja.

O dia-a-dia em Guimarães era tenso e a desconfiança reinava entre gentes pouco dadas a entendimentos. Mas o auge desta tensão em Guimarães deu-se na última semana do mês de Junho de 1828 numa das mais sangrentas semanas que os vimaranenses viram...

A 23 de Junho D. Miguel reúne cortes e é proclamado Rei absolutista no Palácio da Ajuda em Lisboa ...Logo no dia seguinte, dia 24, entram em Guimarães comandados pelo Coronel Caiola cerca de 1500 homens fiéis a D. Pedro IV e logo se reúnem no Toural e ocupam a Irmandade de S. Domingos aprisionando e torturando os frades ali residentes, sendo alguns feridos e enviados para o Porto.

Entretanto os "realistas" fiéis a D. Miguel, comandados pelo Coronel Raimundo José Pinheiro, três dias após a chegada deste regimento constitucionalista a Guimarães, no dia 27 de Junho entre as 17h e as 18h conseguem reunir esforços entre soldados provisórios, guerrilheiros, milícias, etc... e atacam o regimento liberal de forma desprevenida no Largo da Misericórdia enquanto o comandante passava revista.

A contra ofensiva Miguelista ao ataque a S. Domingos deu-se pela ruas chamadas na altura de trás-os-montes, S. Domingos e Molianas, em direcção ao Toural, tendo havido cerca de 15 miguelistas e liberais que foram atingidos mortalmente no Toural.

Houve também mortos espalhados por várias imediações do centro histórico e também fora da cidade de Guimarães. A cidade de Guimarães encheu-se de terror tendo ficado praticamente deserta nos dias que se seguiram.

As forças Miguelistas recuaram e reagruparam em Braga enquanto os homens de D. Pedro IV, denominados por Corpo de Voluntários Académicos fizeram acampamento em Guimarães no monte do cavalinho (na altura conhecido como o monte da forca).

Na madrugada do dia seguinte, dia 28, desceram do Monte Cavalinho à cidade alguns piquetes da tropa constitucional para recolher e transportar alguns feridos, tendo aproveitado para deitar fogo à Casa do Proposto, de Fortunato Cardoso, por ter sido conivente com o ataque dos Miguelistas às tropas liberais.

Os relatos da quantidade de mortos "uns em tumba, outros em padiola" que deram entrada na Misericórdia de Guimarães causou horror entre a população.

Foi uma guerra sangrenta entre conterrâneos que colocou amigos contra amigos, irmãos contra irmãos mas que não conseguiu destruir o nosso espírito de luta por um país melhor onde cabem atualmente todos independentemente da sua ideologia, credo ou opção sexual.

Passados quase 200 anos, podemos orgulhar que construímos um Portugal igual a nós mesmos e que somos capazes de ultrapassar qualquer guerra que nos desafie.



As Irmãs Merceeiras



As irmãs religiosas merceeiras que viviam no centro histórico

A Ordem das Merceeiras em Guimarães funcionava onde hoje é o recolhimento dos refugiados das Trinas n Centro Histórico da Cidade.

Este local ainda existe praticamente preservado, com um grande Quintal interno e com uma capela que detém uma Nossa Senhora das Mercês muito bonita e padroeira da antiga Irmandade feminina.

Esta Instituição de mulheres era vocacionada somente à oração. O recolhimento das Trinas segundo se pode ler da própria escritura com uma doação de 2 500 cruzados para a escritura e iniciação do funcionamento. Paulo de Mesquita Sobrinho foi o Bem feito de este património.

Todas as merceeiras estavam a cargo da Misericórdia de Guimarães que dava na altura um vintém por dia a cada irmã merceeira.

A organização interna da Irmandade estava totalmente entregue às próprias irmãs com exceção da nomeação da Irmã chefe que era indicada pelos mesários da Misericórdia. O recrutamento das restantes era da total responsabilidade das mesmas, poderiam recrutar viúves ou órfãs que ficassem desamparadas não ficando obrigadas a voto de pobreza nem de castidade.

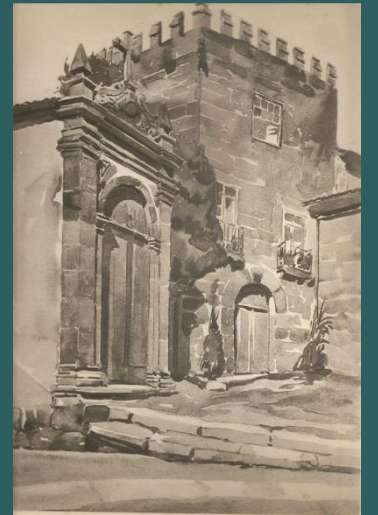
Vestiam todas o mesmo hábito branco e só podiam sair à rua todas juntas para ir à igreja ou para visitar doentes sempre em grupos de duas ...

Seguindo o exemplo dos conventos de freiras as recolhidas das trinas fabricavam doce para venda ao público.

Todos os dias iam à Missa da misericórdia rezar um rosário mas este procedimento mais tarde foi abolido pois segundo um documento de 1781 a forma como chamavam a atenção na via pública era “pouco pacificadora”.

Muito mais tarde, por documento apostólico, em 16 de Julho de 1884 esta obrigação diária fica extinta.

(Placa que está nos dias de hoje colocada na porta do Antigo recolhimento das Merceeiras)



O 1º colégio de Surdos-Mudos em Portugal foi em Guimarães

A imagem que publico neste meu artigo é de um edifício "Santo Passo e Torre ameadada" desaparecido da época quinhentista no Largo dos Laranjais pertencente à família Barros.

Foi nesta casa que funcionou durante muito tempo, o primeiro colégio de Surdos-Mudos em Portugal, organizado pelo Padre Aguilar na segunda metade do Séc. XIX.

- Pouca gente sabe que Guimarães teve na vanguarda da educação através de língua gestual em Portugal tão usual dos nossos dias.

Mais uma ação no âmbito social em que Guimarães foi também o Berço

O Vimaranense que pintou “Nossa Senhora” no lugar onde Jesus Nasceu

Um dos maiores pintores de sempre portugueses, vimaranense de gema, Professor Doutor em Belas Artes, com inúmeras obras em Guimarães e espalhadas por Portugal, Vaticano, Síria, Israel, Espanha, etc. .foi pintor pessoal do Papa Pio XII e nomeado para representar “Nossa Senhora” na Basílica da Natividade em Nazaré no estado Palestíniano, onde toda a cristandade acredita ter sido a gruta onde Jesus Cristo nasceu.

Podemos ver essa representação de Nossa Senhora de Fátima na imagem em anexo mas também representou a Nossa Senhora de Oliveira de Guimarães em mosaico.

António Lino de seu nome artístico mas de apelido verdadeiro “António Pedras”, nasceu em 1914 perto do Castelo de Guimarães e dedicou toda a sua vida à cultura acabando o curso superior de Pintura com 19 valores.

Veio a falecer em 1996. Ainda tem uma irmã viva em Guimarães (Inês Pedras). Sócio da Sociedade Martins Sarmento e irmão da Misericórdia de Guimarães fez uma das poucas representações no país das 7 obras da Misericórdias, representadas em painéis no Tribunal de Aveiro.

Detém várias obras na Basílica da Natividade e na Basílica de Damasco.

As descobertas que fez no Vaticano sobre os painéis de S. Vicente de Fora foram uma área de investigação em que desbravou muito caminho em consonância com o Museu de Arte Antiga.

Em Guimarães desde os vitrais do Paço dos Duques, aos postais e selos de carácter histórico, aos Mosaicos do Palácio da Justiça são algumas das obras que assina este Mestre.

Fora de Guimarães, dos painéis de mosaicos representados no Ministério da Solidariedade e do Trabalho até às pinturas da entrada da Universidade Clássica deixou obra um pouco por toda a parte...

Um orgulho vimaranense sempre a ser recordado!

A casa do jesuíta Campo Santo (casa das Rótulas) e a Viela Campo Santo

A celebre casa das rotulas em Guimarães onde nasceu padre jesuíta Joaquim Campo Santo foi um importante poeta religioso, teólogo e ocupou o cargo de "Geral" da Ordem Jesuíta.

Esta casa que se vê na ilustração, a caminho do Largo João franco, foi muito representada no Séc.XX por artistas nacionais e internacionais.

Curiosamente o executivo camarário aprovou em Reunião de Executivo de 3 de Dezembro de 2016 uma proposta de atribuição toponímica à Viela do “Carmo”, como também é popularmente conhecida, o nome de “Viela do Campo Santo”.

Esta é uma Viela num local mais afastado da casa das rotulas (no Carmo) que liga a Rua Joaquim de Meira ao Largo Martins Sarmento e que não tem qualquer placa de toponímica mas que muito provavelmente está ligada ao nome de família deste famoso Padre Jesuíta Joaquim Campo Santo.

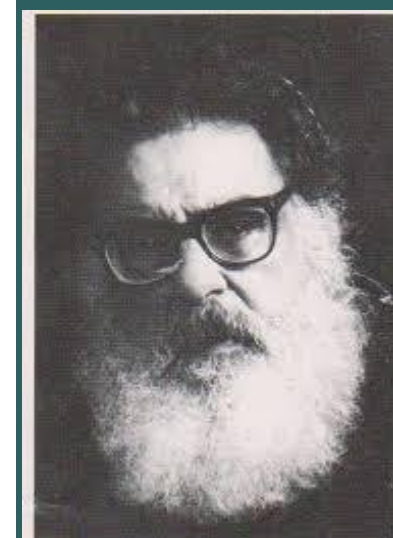
No entanto, existe também outra tese popular que este nome da Viela do Campo Santo poderá ser atribuído por causa do hipotético cemitério que existiu no antigo Largo do Carmo, segundo alguns populares é muito provável que na referida viela ainda existam ossadas de pessoas de origem humilde que foram lá sepultadas.

Hoje a viela serve de passagem pedonal e de traseiras de habitações na maior parte, havendo só duas habitações com saída por aquela Viela.

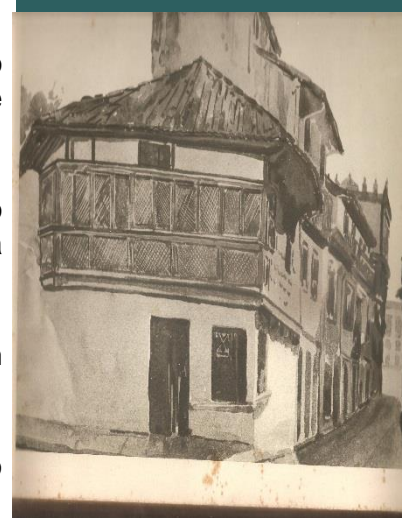
Esta viela foi baptizada com o nome que os cidadãos de mais idade afirmam ser conhecido e também com base no livro “Apontamentos para a sua História- Guimarães” Padre António José Ferreira Caldas 2.ª Edição, Guimarães, CMG/SMS”



“Imagem de Nossa Senhora de Fátima pintada pelo vimaranense António Lino na Basílica construída sobre a gruta onde toda a cristandade acredita que foi o lugar onde Jesus Cristo nasceu”



Casa das Rótulas



Será que Jackie Kennedy plagiou a decoração da Casa Branca inspirando-se em Guimarães ?

O bom gosto de Jackie Kennedy, 1ª dama dos EUA, em relação ao bom gosto dos vimaranenses parece andar 122 anos atrasado.

A Casa de Sezim (ver foto), curiosamente parece ter sido fonte de plágio da 1ª dama. mulher do Presidente assassinado Kennedy, com a finalidade desta realizar a decoração da "Sala de Protocolo" da Casa Branca em Washington com as mesmas pinturas que existiam em Guimarães.

Senão vejamos as coincidências;

1- A Casa de Sezim possui as pinturas idênticas na parede com 122 anos de antecedência e quase únicas no mundo (como podemos ver pelas fotos).

2 -A fábrica na Alsácia em França, a famosa Manufatura Zuber e Cla-Rixheim onde foram encomendadas e produzidas as pinturas de parede para a Casa de Sezim em Guimarães e para a Casa Branca em Washington foi a mesma.

3- Os motivos das pinturas são nos dois casos semelhantes, entre eles, a fundação dos Estados Unidos da América.

4- A Casa de Sezim durante quase todo o século XX foi propriedade de diplomatas, viajados pelo mundo e com acesso a contactos e amizades numa esfera de diplomatas de elite.

As pinturas em Guimarães já existiam desde 1840 devido a contactos feitos entre o proprietário da Casa de Sezim na altura Manuel Freitas do Amaral (ver foto) e Auguste Roquemont que ao que tudo indica terá sido o autor de uma das pinturas existentes na casa "As aventuras de D. Quixote". No entanto as telas são atribuídas a Jean Zuber (1773-1852) tendo sido aplicadas na Casa de Sezim entre 1834 e 1840.

Ficamos pois a saber que se calhar a inspiração de Jackie Kennedy para decorar a Casa Branca teve inspiração vimaranense e que a 1ª Dama dos EUA, considerada por muitos a 1ª dama mais bem vestida de sempre, afinal tem um certo gosto vimaranense!

Jackie Kennedy



Manuel Freitas do Amaral



Casa de Sezim



Como se viviam as pandemias em Guimarães nos Séculos XVIII e XIX

As epidemias que Guimarães atravessou foram mais do que muitas mas gostaria aqui de destacar só algumas que assolaram de forma devastadora a sociedade vimaranense.

A sífilis, a Tinha (espécie de sarna), a Raiva e o Sarampo são doenças infecciosas que estão registadas nos anais da história pelos relatos existentes no Hospital de Guimarães da época.

Os relatos que nos chegaram aos nossos dias são principalmente sobre acerca das condições sanitárias e dos tratamentos que se davam aos doentes conforme o “mal” que detinham.

No século XVIII o Hospital da Misericórdia no largo João Franco possuía na Rua da Arrochela, no piso inferior, sem qualquer tipo de acesso a luz, nem ar respirável, os contagiados pela sífilis que eram na altura altamente recriminados pela sociedade em geral com exceção daqueles que tinham “herdado” a doença por via parental. Esta doença infecciosa da sífilis era vista como fruto de pecado e tinha um estigma terrível por se desencadear nos órgãos sexuais.

Além de haver inúmeros pacientes que se recusavam a ser tratados por vergonha, o hospital detinha uma só hospitaleira que se recusava a “dar as unturas” aos doentes, tal como o hospitaleiro, o que forçou o Hospital a contratar um enfermeiro somente para esta função. Neste tipo de epidemia eram por vezes internadas famílias inteiras, pais e filhos no piso inferior do hospital.

Os únicos tratamentos existentes eram fricções mercuriais (azougues) e também era usada a salsa... A injeção só viria mais tarde...

Em 1839 o hospital impõe um regulamento no que diz respeito à sífilis em que aconselha às famílias um exame médico às partes sexuais, impõe também a vigilância no isolamento a estes doentes e confina as instalações para não haver saídas dos doentes do hospital.

O hospital de Guimarães faz também nesta altura um acordo com o hospital de Braga para prestar tratamento específico desta doença para os pacientes que não fossem oriundos de Guimarães.



As queixas do pessoal médico vimaranense prendiam-se principalmente com o auxílio que tinham de dar a tanta gente vinda de fora do Concelho de Guimarães, ou por “boa fama” dos serviços clínicos vimaranenses ou então por vergonha de as pessoas mostrarem as suas doenças perto das infraestruturas hospitalares onde moravam... Mas houve muitas outras epidemias em Guimarães como referi tal como a Tinha, a Raiva e o Sarampo que também assolaram a cidade.

O Hospital para estas doenças detinha um apartamento hospitalar, mal vigiado, mas que dava alguma garantia de isolamento ao doente recém-chegado. Sobre os tinosos o preconceito social era essencialmente pelo nojo da aparência que a doença dava através da aparição de crostas por todo o corpo... As classes mais pobres eram mais afetadas por este vírus. Os tinosos andavam marcados com um sinal no pescoço, outrora como os leprosos na gafaria de S. Lázaro que os albergava a cargo da Misericórdia (perto do “Shopping Guimarães”).

Estes doentes que pareciam de Tinha não eram internados no Hospital havendo somente a passagem de receitas para a toma dos remédios.

Em 1850 estes pacientes tinham uma esmola diária de “duas tigelas de caldo e vinte e oito onças de pão de broa”.

No que diz respeito ao vírus da Raiva, não havia qualquer remédio, a vacina só apareceria em 1885 quando o químico Pasteur a inventou. Quem adoecesse em Guimarães não lhe restava solução do que se agarrar à vida espiritual, aliás recomendada pelos médicos.

Na altura havia uma relíquia religiosa chamada “cabeça santa” na igreja da colegiada mais precisamente na capela da sacristia que diziam que quem a tocasse poderia ser curado. O inventário da colegiada em 1527 não refere precisamente a que Santo corresponde o crânio miraculoso, citando: “item, outra arca de marfim, chapeada de arame dourado, aonde está a cabeça de um santo, que presta para mordeduras de cães danados”.

(Continuação)

O Sarampo também foi uma doença que assolou bastante Guimarães. No hospital havia “12 capotes vermelhos”, o que não eram mais do que 12 saíotes normalmente utilizados pelas mulheres quando trabalhavam no campo que serviam para envolver os doentes de sarampo pois havia a crença que a cor vermelha, fisiologicamente, atuaria na cura.

Havia também o tratamento através de muitas ervas medicinais de muitas doenças e o sarampo não era exceção.

Na próxima crónica farei referências às ervas medicinais que eram utilizadas, divididas pelas freguesias vimaranenses em que eram plantadas... Até lá, protejam-se !

O perigo da existência de uma pandemia em Guimarães com a construção do Toural - 1789



Corria o ano de 1789, esse ano tão negro para a realeza francesa, quando surgiu a iniciativa de abater a muralha que percorria o Toural com o objectivo de erguer altos edifícios, a chamada fachada pombalina das casas do Toural à semelhança de Lisboa que se reconstruía do grande terramoto de 1755.

A muralha que existia no Toural era das mais altas na cidade mas os prédios que se avizinhavam edificar ainda seriam mais altos do que a muralha existente pelo que os órgãos da direcção do Hospital de Guimarães que ficava nas instalações “traseiras” ao Toural, onde hoje é a Misericórdia de Guimarães no Largo João Franco, ficaram em pânico pelas enfermarias existentes no Hospital ficarem sem luz, sem sol e sem ar, o que poderia gerar a existência de uma pandemia extensível a toda a cidade...A construção dos edifícios do Toural foi uma decisão de uma Direcção do Ministério do Reino em Lisboa pelo que os responsáveis do Hospital de Guimarães escrevem o seguinte em ata de reunião:

«...todos concordaram que o dito caso era digno de uma infalível providência, e que o prejuízo era certo, não só aos doentes do Hospital, mas que do mesmo se podia originar uma epidemia transcendente a toda a vila...» Neste sentido os responsáveis do hospital mandaram uma representação a Lisboa falar com o Rei com a seguinte missiva que falava do perigo da existência de uma epidemia;

«Porém, como as ditas casas que se pretendem fazer sobem, segundo o risco,...muito acima das antigas casas e muro, é sem dúvida...prejudicial às enfermarias deste Hospital, não só por ficarem escuras, mas, mais, por lhe tolher o ar ambiente e novo que entrava nas mesmas enfermarias, que, ficando faltas do dito ar, pela altura a que querem conduzir as ditas obras, é de recear se siga uma epidemia nas ditas enfermarias, do que resulta dano universal a toda a vila...»

Os mesários da santa casa, o corpo médico, os “principais da Vila” e o próprio povo, todos entendiam o que representava para a “higiene” do hospital, a construção destes edifícios mas o Rei não atendeu aos apelos da sociedade vimaranense e passados seis anos a direcção do Hospital volta a referir este caso de “saúde pública” pondo a sua resolução nas mãos de dois cirurgiões; o Dr. João Cunha Gaivoto e o Dr. Bento Gomes que também acabaram por não encontrar remédio para o problema.

Entretanto entra o Séc. XIX e com ele em 1815, aparece a doação de um edifício contínuo ao Hospital da Misericórdia, onde é hoje a Sociedade Musical Vimaranense (conservatório) no Largo Condessa do Juncal (feira do pão). Este edifício veio aliviar a condição dos doentes e permitir que tivessem outro tipo de “arejamento”.

O seu doador foi José Lopes da Cunha Velho e o facto de ser contínuo ao Hospital da Misericórdia tornava tudo bastante mais operacional e saudável para os “enfermos”. Mais tarde, em 1844, devido às convulsões políticas, vaga o convento dos capuchinhos (instalações do Antigo Hospital de Guimarães) e vem a dar-se a aquisição por parte da Misericórdia deste Convento.

É nesta altura que toma lugar uma grande mudança e o Hospital de Guimarães transfere-se do Largo João franco para o convento dos capuchinhos (próximo do castelo), tendo ficado lá instalado o Hospital de Guimarães até 1991.

É curioso constatar que nos séculos XVII e XIX, tal como nos dias de hoje, existia consciência dos males que podiam advir de um agravamento de uma epidemia na sociedade. É bom que este legado de memória colectiva esteja presente no nosso quotidiano como esteve nos nossos antepassados noutra época.

O segredo guardado pelos monárquicos vimaranenses para restaurar a Monarquia depois da implantação da República em 1910

Após o 5 de Outubro de 1910 pouca gente sabe que a Monarquia voltou a existir no Norte do país somente por 25 dias. Corria o ano de 1919 e este período ficou conhecido como a época da "Monarquia do Norte". Este movimento monárquico agregou todo o tipo de monárquicos desde os constitucionalistas aos integralistas.

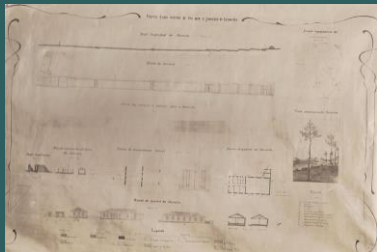
Este esforço contra revolucionário liderado na região por Paiva Couceiro começou em Guimarães logo no mês seguinte à proclamação da República com a projecção de um segredo bem guardado, datado de Novembro de 1910, que previa a construção de uma carreira de treino com a existência de um quartel, onde os militares fiéis a D. Manuel II pudessem treinar as suas competências para dar o seu melhor por um movimento político militar que fosse capaz de derrubar as instituições do novo regime republicano e restaurar a situação vigente até àquela data.

Os terrenos onde se faria este campo de treino seriam cedidos pela aristocracia vimaranense como se pode ler pela legenda do projecto em anexo onde se constata que os membros nobres da cidade não se importariam de abdicar de uma pequena parte das suas propriedades com o superior propósito de defender os seus títulos monárquicos.

Na legenda do projecto podemos verificar a nobreza vimaranense referida; o Conde de Margaride, o Conde de Vizela, o Padre Gaspar Leite, a D. Maria Carolina Leite D'Almeida e João Ramos.

Embora refugiado na Galiza, Paiva Couceiro mantinha o contacto com os monárquicos vimaranenses e através da luta armada dos realistas consegue a instauração da "Monarquia do Norte" mais tarde em 1919, revogando desta forma na região do Minho toda a legislação republicana promulgada desde 5 de Outubro de 1910, restaurando desta maneira a bandeira monárquica, o hino monárquicos e legislando de forma intensa e infrutífera.

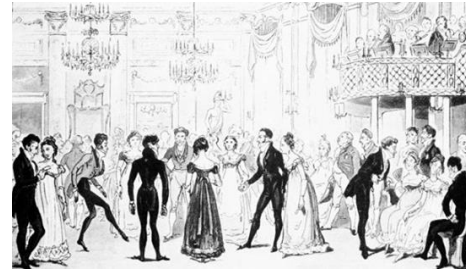
Porém a ideia e a expectativa da restauração realista mantiveram-se até à emergência do Estado Novo, acabando o "monárquico de coração", Oliveira Salazar, por ser o carrasco de quantos ainda sonhavam no regresso ao 4 de Outubro de 1910...



O projecto da criação da carreira de treino de militares em Guimarães obedece a uma última indicação de D. Manuel II através do Ministério da Guerra, anterior ao 5 de Outubro de 1910, e a escolha do local estava a cargo dos oficiais monárquicos que lideravam ainda em Novembro de 1910 o regimento de infantaria nº 20 em Guimarães instalado no Paço dos Duques. Pelo que se sabe, nada indica que este projecto denominado "Projecto de uma carreira de tiro para a guarnição de Guimarães" tenha sido concretizado, talvez porque o Ministério da Guerra controlado posteriormente pelos republicanos não tenha disponibilizado todas as verbas necessárias para a construção do quartel.

No entanto esta falta de condições para a conclusão do projecto monárquico vimaranense não foi suficiente para impedir que a "Monarquia do Norte" em 1919 tivesse lugar também em Guimarães pois a bandeira monárquica neste ano durante a "Monarquia do Norte" esteve hasteada no regimento vimaranense de infantaria nº 20.

Guimarães, Bastião Miguelista... Palco das maiores festas em Portugal



O episódio que descrevi no meu artigo anterior sobre a "batalha" que se travou em 27 de Junho de 1828 entre liberais e miguelistas em Guimarães com diversas mortes no Toural, etc. deu azo a que os Miguelistas, com a coroação de D. Miguel poucos dias antes deste confronto, tivessem "via verde" em Guimarães para afirmarem a sua implantação nos cinco anos consecutivos através de comemorações e festas das estruturas dominadas pelo Estado, pela Igreja e pela nobreza vimaranense.

Nesta conjuntura Guimarães foi palco das maiores festas e comemorações miguelistas do país.

A sociedade vimaranense encontrava-se dividida, de um lado estavam os Miguelistas, defendidos pelos fidalgos e nobres da Vila. Do outro lado, os liberais, apoiantes de D. Pedro IV, grupo fortemente representado no seio das classes populares.

O centro da cidade era maioritariamente miguelista, fruto do domínio destes sobre as Irmandades, Ordens, Câmara, etc. sediadas no centro... sendo que o peso dos liberais encontrava-se maioritariamente fora do centro de Guimarães entre as classes menos abastadas.

Mas bastaram unicamente dois meses passarem sobre o dia negro da batalha no Toural de 27 de Junho de 1828 para a facção miguelista programar logo em Agosto, mais precisamente entre os dias 10 e 17 de Agosto uma campanha de apoio ao Rei D. Miguel que promovia várias festas no centro histórico, a começar pelas faustosas iluminações da Igreja do Senhor dos Passos com um retrato magnânimo de D. Miguel.

O retrato representava D. Miguel com o mapa de Portugal numa mão, e com a outra mão a lançar raios sobre os inimigos do trono. No dia 16 de Agosto, após várias noites de festa, com a chegada do General de província a Guimarães, o regimento vimaranense nº 22 realizou um grande concerto perante uma multidão de vimaranenses que acorreu para ver o fogo e ouvir os poemas dedicados ao Rei D. Miguel.

As festas durante esse ano e durante o ano conseqüente continuaram em vários pontos de Guimarães, na Colegiada, na Sociedade patriótica no Toural com diversas datas marcadas; 22 de Agosto, 28 de Setembro, 26 de Outubro (anos de D. Miguel) entre muitas outras datas...

Estas diversas efemérides chamaram a Guimarães os melhores artistas da época; músicos, orquestras, actores etc.. pois a elite Miguelista vimaranense possuía na altura poder económico para tal. Mas também houve inúmeros bailes promovidos pelas famílias nobres em Guimarães em que algumas festas ascendiam a mais de um centena de convidados. Havia presenças assíduas nestas festas de algumas personalidades como era o caso do Corregedor António Joaquim de Carvalho, o Visconde de Azenha, o Conde de Pombeiro, o Governador Militar da Vila, os Ministros da vila entre outros...

A propósito destas festas o jornal "Comércio do Porto" de 24 de outubro de 1829 relata-nos o ambiente sentido num baile dado por Fortunato Cardoso de Meneses Barreto (o mesmo que teve a Casa do Proposto incendiada por dar apoio aos Miguelistas, referido no meu artigo anterior):

«(..)Na noite de 22 deu Fortunato Cardoso de Meneses (...) serviu um esplêndido chá, e baile, para o que havia convidado o Príncipe de Hasse, todos as Senhores, e Nobres da Vila, e dignando-se Sua alteza assistir, foi conduzido, assim como toda a nobreza, à sala que lhe tinham destinado. Servido o chá, principiou o baile, que durou até ao crepúsculo do dia 23, havendo nos intervalos do baile repetições do hino português e onde foram dados mil vivas a El-Rei D. Miguel I (..)»

São muitos os relatos que nos chegaram aos dias de hoje dos cortejos públicos pomposos dedicados a D. Miguel durante os anos do seu reinado em Guimarães. A implementação desta "campanha política" junto da população vimaranense foi de tal ordem que o impacto do cerco do Porto às tropas de D. Pedro IV e a reconquista do trono de Portugal por parte dos liberais não se travou pelas ruas de Guimarães, dando-se sim de forma indirecta.

Não deixa de ser interessante estudar esta época em Guimarães, uma vez que os historiadores ligam Guimarães mais à fundação de Portugal mas o estudo de outras épocas sobre a sociedade vimaranense é de igual forma muito interessante de analisar e estudar.

Ainda para mais se tivermos a consciência que esse estudo está por realizar.

Portugal teve 1 Papa mas Guimarães teve 2



S. Dâmaso



Pedro Hispano

Quando falamos em Papas portugueses ocorre-nos logo o português Pedro Hispano ou Pedro Julião, mais tarde mundialmente conhecido por Papa João XXI.

Esta personalidade portuguesa ocupou, à luz do seu tempo, o cargo mais poderoso que alguma vez um português exerceu. Mas o que é mais curioso é quase mil anos, na cidade de Guimarães, antes da criação da nossa nacionalidade, nasceu um outro Papa, de nome Dâmaso mais conhecido nos dias de hoje por Papa S. Dâmaso.

Ambos os papas têm uma ligação muito forte a Guimarães. O primeiro por ter sido arcebispo de Vermoim, Prior da Colegiada de Guimarães e membro nas cortes de Guimarães. Essencialmente a sua permanência como Prior da Igreja de Santa Maria foi fulcral para alargar a sua rede de contactos, a caminho do Papado. A sua relação com o Rei português na altura, D. Afonso III, teve altos e baixos mas no início do seu percurso foi essencial para vir a ocupar a cadeira de São Pedro.

Por sua vez, o Papa S. Dâmaso, cerca de uns séculos antes da criação da nacionalidade portuguesa, apesar da sua ascendência hispânica, nasceu em Guimarães. Como Papa evitou o cisma da Igreja de Roma, encomendou a versão latina da Bíblia, foi um escritor de grande mérito e um dos mais notáveis Papas do século IV.

Os vimaranenses sempre tiveram uma profunda admiração por Pedro Hispano e por S. Dâmaso, facto que ainda hoje está bem patente na toponímia da cidade e nas Igrejas existentes.

A veneração pelos vimaranenses aos sumos pontífices não se resume só a João XXI e ao Papa S. Dâmaso.

A criação da irmandade de S. Pedro há cerca de quatrocentos anos; a rápida ascensão da igreja de S. Pedro na principal praça da cidade à condição de "Basílica" e o facto de existirem três freguesias do concelho de Guimarães que adotaram o 1º Papa como padroeiro, sendo elas; Azurém, Polvoreira e Gominhões são reveladores do afeto ao poder papal na cidade.

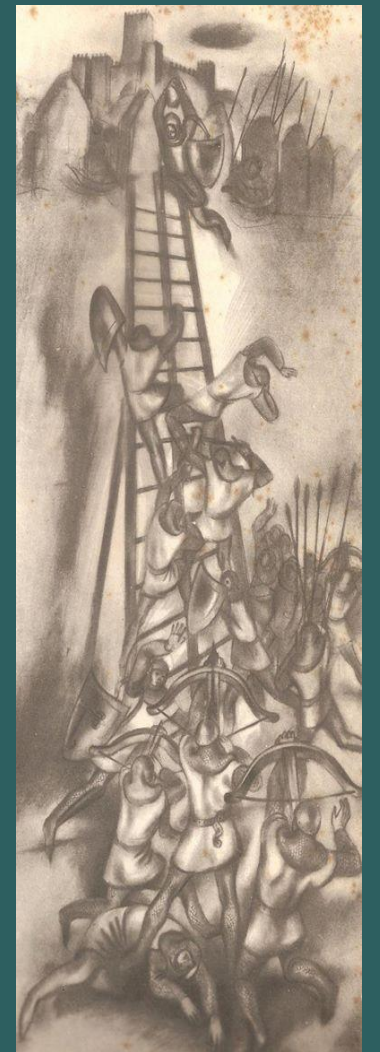
A Ordem Terceira de S. Francisco em Guimarães, constituído por leigos, detém também um estatuto papal que permite a esta Instituição dialogar diretamente com o Vaticano, não precisando de estar enquadrada na hierarquia formal da Igreja. O seu Presidente é equiparado a Bispo sendo este um outro sinal da atenção especial dada pelo Vaticano a esta cidade.

A importância de Guimarães na História de Portugal não se resume só a ser o berço da nacionalidade. Antes e após a criação de Portugal, Guimarães foi sempre um importante local onde se cruzou a História da Igreja, com a História Política e Social fazendo a sua contribuição decisiva para a História de Portugal e para a História da Humanidade.

Será que por exemplo parte das duas obras muito famosas de João XXI : as "summulae Logicales" (sobre lógica) e o "Thesaurus Pauperum" (sobre medicina) poderão ter sido escritas em Guimarães? É bem provável que sim....

A importância destas obras é tal que as "As Simmulae Logicales" chegaram a ser citadas por Dante na sua obra "Divina Comédia"... Homens como estes passando em Guimarães mudaram o percurso da Humanidade...

Desejo pois que seja também assim no futuro...



Cerco ao Castelo de Guimarães

Quando D. João I, veio por cerco a Guimarães, em 1385, junto da porta de S. Bárbara da muralha, deu-se o singular e heróico episódio em que ganharam os portugueses -
Ilustração de Guilherme CamarinhaO

Conflito entre Irmandades - 1734



Irmandade de S. Francisco



Misericórdia de Guimarães

Quando D. João III teve que impor ordem em Guimarães

Em 1734, ano em que reinava em Portugal sua Majestade o rei D. João V, dá-se o auge de um conflito em Guimarães que se vinha agudizando entre os frades menores da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco em Guimarães (S. Paio) e a Mesa Administrativa da Santa casa da Misericórdia de Guimarães.

Estas duas irmandades religiosas ainda são nos dias de hoje em Guimarães, as duas irmandades que congregam em si, o maior peso histórico, cultural e social vimanarense mas ao longo dos tempos a sua convivência nem sempre foi fácil, embora nos dias de hoje haja relações de grande amizade, cordialidade e de colaboração mútua.

A 28 de Fevereiro de 1734, os mesários da Santa Casa responsáveis na altura pelos serviços essenciais à cidade de Guimarães como as prisões, o hospital, a apoio aos mais carenciados etc...tomam uma série de decisões radicais que têm por base cortar relações com a Ordem Terceira de S. Francisco.

O motivo principal deste conflito foi o que na altura chamavam de "demandas" religiosas em que a Mesa Administrativa da Santa Casa, no seu juízo, achava que os chamados "Terceiros" deveriam prestar contas à Misericórdia e que as também chamadas "desatenções" para com a Misericórdia de Guimarães eram na sua perspectiva "mais que muitas".

Neste sentido o Provedor da época, o Fidalgo Francisco Alarcão decidiu retirar competências religiosas na sua Instituição aos frades terceiros pelo lavrou em acta a seguinte proposta com 4 pontos, aprovada por unanimidade:

- 1- Impossibilitar os irmãos da Misericórdia de serem simultaneamente irmãos da Ordem terceira, dando um prazo de 3 dias para se desvincularem da ordem franciscana
- 2-Proibir os Irmãos da Misericórdia de acompanhar as procissões realizadas pelo Ordem Terceira de S. Francisco em Guimarães
- 3- Não atribuir missas nem sermões a frades franciscanos nas igrejas e nas missas promovidas pela Misericórdia de Guimarães.
- 4- Não atribuir vestes para celebração de missa a frades franciscanos com excepção dos frades franciscanos conventuais

Claro que estas decisões tiveram uma repercussão enorme e provocaram uma escalada na tensão entre as duas Irmandades e passados 9 meses, o assunto já era do conhecimento do Rei D. João V pelo facto da Ordem franciscana ter enviado três frades "terceiros" fazer queixa a Sua Majestade da hostilidade religiosa que estariam a ser alvo por parte da Misericórdia de Guimarães.

Sua Majestade, El-rei D. João V mandou informar ambas Instituições que mandaria um Ministro investigar o assunto.

A 7 de Novembro de 1734 a mesa administrativa da Santa Casa reúne com carácter de urgência, sabendo das queixas "caluniosas" feitas a Sua Majestade pela Ordem terceira e delibera também que vá uma comitiva representativa da Misericórdia falar com El Rei D. João V .

Neste sentido aprova um orçamento para irem dois mesários da Misericórdia apresentarem as razões de queixa ao Rei; Dionísio Freitas do Amaral (escrivão)e Manuel Cabral, mesário. Este irmãos cumprem a missão aguardando por audiência um certo tempo em Lisboa.

Após a explicação à corte por parte da Misericórdia do seu ponto de vista, esta contenda entre ambas as Irmandades prolonga-se ainda nos dois anos seguintes mas com a eleição do novo provedor Fernando Peixoto da Silva no ano de 1737 esta tensão tende a esvaziar-se passando a haver novamente boas relações entre ambas Instituições após a deliberação do Rei para o seu Ministro vir "por ordem" a Guimarães.



Recorra aos serviços do Correio de Guimarães:

- Digitalização de documentos
- Investigações históricas
- Estudos genéticos
- Restauros







FUNERÁRIA
Passos
Nos momentos difíceis agimos por si



RUA DO MOURÃO – PENCELO

Albano Ribeiro

Faleceu no dia 22 de Abril, na UCC - Boticas, com 89 anos de idade, era viúvo de Adelaide de Freitas Ferreira. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de Pencilo, indo depois a sepultar no Cemitério desta comunidade.



AVENIDA D. JOÃO IV – SÃO SEBASTIÃO

M.ª Glória Bastos Granjo Sampaio

Faleceu no dia 28 de Abril, na sua residência, com 87 anos de idade, era viúva de Rolando Candiano Martins Sampaio. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Igreja de São Domingos, indo



RUA SOUTO DAS RIBAS – CORVITE

João Fernandes da Costa

Faleceu no dia 1 de Maio, na sua residência, com 57 anos de idade, era casado com Maria da Conceição Alves da Mota. As cerimónias fúnebres realizaram-se no Cemitério de Corvite, onde foi a



RUA DAS VARANDAS – SÃO TORCATO

M.ª Ermelinda de Freitas Gomes

Faleceu no dia 3 de Maio, no Hospital Senhora da Oliveira, com 80 anos de idade, era casada com José da Silva. As cerimónias fúnebres realizaram-se na Basílica de São Torcato, indo



Assinatura anual do jornal "Correio de Guimarães"

Declaro que pretendo assinar por 12 meses a receção via correio do jornal "Correio de Guimarães" representado pelo proprietário Paulo Freitas do Amaral, nº de contribuinte 216559499, residente no Largo da Misericórdia, n23, 4810-431 Guimarães, pela quantia de 22 euros/ano.

IBAN: PT 50 003500440005457770038


Morada de Envio: _____


Nome completo/Entidade: _____

NIF - _____


Assinatura (igual ao Cartão de Cidadão)

Guimarães, ____ de ____ de 2019





Veja o Vídeo Prestiti



www.prestiti-imobiliaria.com
info@prestiti-imobiliaria.com

PAIXÃO A COMERCIALIZAR IMÓVEIS



Ref. 2570 e 2571

Empreendimento NEW LIFE ALDÃO
Bloco A (T2) e Bloco B (T1 | T2 | T3)

Desde € 97.000

O novo empreendimento residencial de apartamentos em construção em Aldão, Guimarães.

Excelente para investidores ou para habitação próprio.

Consulte-nos para mais informações ou marcar visita!



Ref. 2735

PROJETO DE MORADIA T3

Sob Consulta

Moradia individual T3 de R/c e piso, com uma área útil de 224.19m², implantada num lote com 908m², bem localizada e com excelentes vistas e exposição solar.

Imagens meramente ilustrativas.

Consulte-nos para mais informações ou marcar visita!



Ref. 2570

EMPREENDIMENTO SOLARIS - URGEZES
APARTAMENTOS T3

Desde € 190.000

Apartamentos T3 em construção com acabamentos de excelência, com móveis de cozinha, piso radiante, painéis solares, roupeiros embutidos e muito mais...

Consulte-nos para mais informações ou marcar visita!

PAIXÃO A COMERCIALIZAR IMÓVEIS

Rua da Unidade Vimaranesense, n.º 126-E - Costa, 4810-026 Guimarães | Tlm.: +(351) 935 263 054 | Tlm.: +(351) 925 330 490

As informações são meramente indicativas, baseados nos dados fornecidos pelos clientes. Tais informações, estão, pois, sujeitas a possíveis alterações.

Participe no nosso jornal:

Escreva-nos uma sugestão, um texto e/ou uma opinião e envie-nos para o endereço:

correiodeguimaraes@gmail.com

Trabalhamos por si e para si

Largo da Misericórdia nº23
4810-031 Guimarães.

Contacto – 96 777 43 06

www.facebook.com/correiodeguimaraes.pt
www.correiodeguimaraes.blogspot.pt

Sabias que;

O 25 de Abril de 1974 encheu de gente as ruas de Guimarães – Imagem da Rua de Sto. António



Ficha Técnica

Proprietário Paulo Freitas do Amaral
 Dep. Legal 454380/19
 Diretor Paulo Freitas do Amaral
 Impressão: Avegráfica


 Quinta Vila Marita